

25-06-2021

## Memórias da III Oficina Nacional de Multiplicadores de Visat: Para Além do Umbigo [João Pessoa-2018]

(Versão do texto lido na IV Oficina - 2021)

### Diego de Oliveira Souza

[Doutor em Serviço Social/UERJ. Professor do PPGSS-UFAL/  
Maceió e da graduação em Enfermagem/UFAL/Arapiraca]

Quando só se pensa no próprio umbigo, não se consegue enxergar muita coisa ao redor, no máximo vê-se o ventre que o cerca. Perde-se as dimensões do corpo, ou melhor, dos corpos que, nas ricas possibilidades de interação com outros corpos, poderiam criar emoções muito mais fecundas para cada umbigo. Ou seja, na maioria das vezes, não se consegue vislumbrar a conexão que há entre todos os umbigos e a placenta social que os nutre. A placenta não é outra coisa senão o conjunto das relações sociais soerguidas do intercâmbio entre ser humano e natureza não humana; e entre os próprios humanos, com os seus vários umbigos.

É só saindo do próprio umbigo que se pode enxergar essa condição e alcançar um outro patamar, onde o cultivo das relações coletivas seja um terreno fértil para as potencialidades individuais. Isso não significa esquecer o próprio umbigo, mas reconhecer que sozinho ele não passa de um buraco cravado no centro da barriga.

O símile do umbigo se aplica em diversos âmbitos, claro, incluso no âmbito científico. Ora, esse âmbito reflete o caráter egoísta da sociedade da qual faz parte, pois se divide em vez de multiplicar-se. Essa divisão gera os tradicionais campos científicos, capazes de descobertas relevantes, mas que, socialmente, não conseguem sair do próprio umbigo; não conseguem enxergar muita coisa além do ventre globoso que cultivam. Quanto mais consistente é o campo, mais se engorda esse ventre que lhe obsta o horizonte. Está aí uma questão peremptória para sair do umbigo: multiplicar em vez de dividir. Não por um acaso, são os multiplicadores de Visat aqueles que vêm se incumbindo do papel de provocar os vários campos, para que saiam do umbigo. Mas a provocação também serve para si mesmos, pois eles não poupam o campo do qual fazem parte. Claro, a Saúde do Trabalhador, enquanto campo, só pode ser umbigo, participe desse *ethos*, ainda que um participe questionador. Pode ser um umbigo insinuante, capaz de bailar uma bela dança do ventre, mas continua sendo umbigo. Também, não por um acaso, os multiplicadores ousam cometer uma heresia científica: misturam áreas e saberes, misturam gente, gente de verdade que sabe de que lado está e aonde quer chegar. Viva a heresia! É gente “herege”, que sabe que tem que sair do umbigo, mesmo em face da trágica pandemia que foi transformada em um genocídio politicamente planejado. A pandemia do vírus, junto com a pandemia fascista e, portanto, genocida, coloca a saúde da classe trabalhadora ainda mais em evidência, desprotegida, desgastada, destruída.

Diante disso, podemos nos enterrar cada um no seu umbigo, ou podemos sair dele! Para mim, está clara qual deve ser a opção. Aprendi com os multiplicadores!

Claro, essa viagem para além do umbigo deve ser pautada em estratégias muito bem pensadas coletivamente, ou então não passará de uma aventura sem rumo. Um leque de elementos desse planejamento esteve presente na III Oficina, quando fomos provocados a sair do umbigo pela primeira vez. Agora, na sequência do show, não podemos perdê-los de vista. Não podemos esquecer as reflexões do professor Francisco Lacaz sobre a vigilância em saúde do trabalhador, muito menos a ousadia de Beto Novaes, misturando arte e ciência, aproximando a academia da realidade e levando a realidade para os seus filmes. O que dizer da poesia e musicalidade de Renato Bonfatti, uma vez que sua música e suas reflexões expressam bem o caráter grandioso do médico que saiu do umbigo para ser filósofo da vida. Ouvimos a experiência de Karla Baêta, em seu desafio de coordenar a Saúde do Trabalhador nacionalmente, ainda mais naquele momento de incertezas com um novo governo federal declaradamente contra os trabalhadores. Mensagem similar nos foi passada por Luciene Aguiar, com o olhar de quem está imersa na dura realidade dos serviços de saúde, mas que tem a coragem de encarar as medusas que lhes cercam e derrubar falsos mitos. Das falas consistentes, ao longo do evento, Jacqueline Caldas trouxe um panorama da experiência de formação de agentes de Visat, José Hélio sobre o trabalho seguro em poços e Davi Felipe sobre doenças crônicas e agrotóxicos. São temáticas muito distintas, mas que convergem com a ideia de cada um sair do seu umbigo e abrir novos caminhos. Nada disso seria possível sem nosso mestre Fadel e seu cérebro que nos move teoricamente e seu coração que nos emociona, seja para o afago, seja para a luta. A organização dos paraibanos não poderia ser esquecida, pois nos fizeram sentir o aconchego de estar em casa, ainda que soubéssemos que a Saúde do Trabalhador sempre está no olho do furacão. Não é possível resgatar toda aquela experiência nessas breves reflexões. Qualquer tentativa será pequena perto da grandiosidade dos registros captados pelas lentes pulsantes de Marcel Caldas.

A saudade que sentimos de você, Marcel, é combustível para continuarmos tentando ver o mundo por lentes pulsantes que consigam captar aquilo que importa da vida. Cada um que esteve ali presente foi capaz de provocar, de se autoprovocar e assentar os primeiros tijolos dessa estrada que leva para além do umbigo. Devemos agora seguir nessa construção - aliás, autoconstrução - e caminhar. Como diz a canção: “É caminhando que se faz o caminho”.

Nos vemos fora do umbigo! Abraço! ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*